

Luana Frigulha Guisso
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

**Teoria e prática em
educação, ciência
e tecnologia**

DIÁLOGO
EDITORIAL

INTERDISCIPLINARES

3

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 6:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2023

Diálogos interdisciplinares 6: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia
© 2023, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Curso

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Instituição

Centro Universitário Vale do Cricaré - UNIVC

Projeto gráfico e editoração

Diálogo Comunicação e Marketing

Capa e diagramação

Ilvan Filho

1ª edição

DOI:

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

Apresentação

A sexta edição do e-book Diálogos interdisciplinares 6: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia chega com uma proposta de pensar a educação de forma disruptiva em diversos contextos. A premissa é propor uma revisão sobre as ações do cotidiano educacional e do chão de escola.

Mais uma vez, o que se apresenta é a busca de discentes e docentes, estes na posição de orientadores, portanto provocando e propondo, por meio de indagações, abalar as certezas de seus mestrandos, promovendo inquietações e, assim, retirando-os do estado de acomodação. A ideia é impelir o desbravar das fronteiras e levá-los a ultrapassá-las, rompendo e, até mesmo, propondo-lhes quebrar paradigmas, que é para o que serve a produção de novos conhecimentos.

As pesquisas desenvolvias pelos alunos e professores do curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), que integram esta edição, trazem uma coletânea de artigos que transitam pelo lúdico, pela musicalização, pelo processo de alfabetização, pela literatura, pela educação especial, entre outros assuntos que fazem parte do nosso cotidiano enquanto pesquisadores, professores e orientadores desses alunos que nos alegram em poder compartilhar toda a sua conquista ao longo do processo de pesquisa.

Sabemos que, muitas vezes, este processo é árduo e cansativo, mas, não nos deixamos abater e, com muito esforço, incentivo e garra, apresentamos como um produto, mais um e-book, que traduz a fabricação de conhecimentos, fruto da coragem dos pesquisadores, nutridos da obsessão em oferecerem novos olhares e propostas para suscitar o debate acerca de temas latentes. E como de costume, convidamos a todos os amantes de uma boa leitura, aliada a uma bela pesquisa educacional, a viajar neste momento de leitura.

Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Sumário

O ENSINO DAS SÍLABAS COMPLEXAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	09
Alicia Real Tuão e Mariluz Sartori Deorce	
MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ATIVIDADES LÚDICAS, TECNOLÓGICAS E SOCIALIZAÇÃO	27
Anderson da Silva Sampaio, Poliana da Silva Ribeiro, Diego Antônio de Souza Pereira e Simone Fernandes de Rança	
A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DE CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA	44
Andréa dos Santos Guimarães e Marcus Antonius da Costa Nunes	
CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO NA COMPREENSÃO DA LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	64
Andressa da Silva Santiago e Mariluz Sartori Deorce	
TDAH NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS: CAUSAS E ABORDAGENS PEDAGÓGICAS	86
Camila Machado de Oliveira e Vivian Miranda Lago	
A CONTRIBUIÇÃO DA LUDICIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	105
Diego Antônio de Souza Pereira, Larissa Valfré Baiôcco, Luana Alvarenga Resende e Raíssa Rangel Lorencine	
A EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR ...	118
Fernanda Luciano Fernandes, Lidiane Sabrina Viana Torres, Diego Antonio de Souza Pereira, Ana Elena dos Santos Baiense e Mariana Paganott Rodrigues de Souza	

A MÚSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL	136
Flora Karoline Galito Gonçalves Santos e Edmar Reis Thiengo	
GESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY- ES	148
Genivaldo dos Santos e Douglas Cerqueira Gonçalves	
O ENSINO DE LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES	166
Gessiedna Pereira de Souza Silva, Patrícia Peçanha Roza Luns e Simone Fernandes e França	
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EJA	182
Isabel Cristina Polonine e Sônia Maria da Costa Barreto	
PARÁBOLAS E IMAGENS PARA DESENVOLVER COM ALUNOS DA EJA DURANTE A PANDEMIA DA COVID -19	200
Jossieli Lucio Pereira de Freitas e Ivana Esteves Passos de Oliveira	
INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS DOS PROFESSORES	216
Juliana Silva Andrieta Andrade e Edmar Reis Thiengo	
PRÁTICAS AVALIATIVAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, NO ENSINO FUNDAMENTAL EM PRESIDENTE KENNEDY-ES	246
Leonardo Barreto da Costa e José Roberto Gonçalves de Abreu	
A PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS SOBRE O USO DA MÚSICA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO MATERNAL II	268
Luana dos Santos Rodrigues e Vivian Miranda Lago	
AS TICs X JOGOS MATEMÁTICOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PERSPECTIVA DE APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS PEQUENAS	284
Manoela Paz da Costa e Nilda da Silva Pereira	

ATTITUDES E HÁBITOS DE LEITURA DOS PROFESSORES NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	302
Maria Auxiliadora da Silva Santos	
A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA CONTRA A POBREZA: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY (ES)	323
Mirielle de Castro Sedano e Nilda da Silva Pereira	
CONTRIBUIÇÕES DA RECREAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL	356
Patrícia Tamiasso de Oliveira e José Roberto Gonçalves de Abreu	
OS AUTORES	372

A MÚSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O AUTISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Flora Karoline Galito Gonçalves Santos
Edmar Reis Thiengo

1. INTRODUÇÃO

Este artigo contextualiza a questão de inclusão na contemporaneidade, é necessário entender um pouco sobre o processo histórico da educação especial, particularmente no Brasil, nos últimos anos.

A Educação Brasileira tem passado por diversas alterações ao longo dos últimos anos, objetivando adequar-se aos anseios e necessidades sociais e ao desenvolvimento do próprio país, seja em virtude do alto índice de analfabetos, seja em razão da exclusão escolar que muitos sofreram no decorrer de nossa História.

Já para Vygotsky (2003), A interação só acontece se houver mediação dos signos e símbolos, que são produzidos socialmente e utilizados na comunicação humana. Desta forma, “Os signos são produto da ação do próprio ser humano e decorrem, portanto, da história da humanidade” (Zanella, 2004, p. 131).

Para ele, torna-se indispensável para a criança o amadurecimento coletivo, já que é de suma importância mostrar-lo. No momento importante no desenvolvimento infantil, onde o adulto contribui com o amadurecimento desta criança, onde a criança é capaz de reproduzir suas ideias, com auxílio do adulto, possibilitando que seja transformado informações externas em desenvolvimento e interação.

2. METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo referente às discussões sobre a inserção da música como contribuição para a interação de alunos autistas, realizou-se uma pesquisa

bibliográfica, acompanhada de observações, assim apresentadas por Moreira e Caleffe (2005, p.205), trata-se de um tipo de observação que:

[...] proporciona estudos mais aprofundados que podem servir a vários propósitos úteis, em particular para gerar novas hipóteses, assim como a entrevista não estruturada, poderá seguir direções inesperadas e, assim proporcionar ao pesquisador novas visões e ideias (MOREIRA; CALEFFE, 2005, p. 205).

Desta forma, metodologicamente, será analisado através de pesquisas em artigos, teses e dissertações pesquisadas. Nos resultados e discussões, serão apresentadas as contribuições alcançadas no assunto pesquisado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A participação da comunidade na formulação, implantação, acompanhamento e avaliação das políticas públicas constitui um dos mecanismos centrais para a garantia da execução dessa política, de acordo com os atuais preceitos legais, políticos e pedagógicos que asseguram às pessoas com deficiência o acesso a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis.

Para Santos (2019), a formação dos profissionais da educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista. Dentre as diretrizes para a consecução do objetivo da Lei nº 12.764/2012, estabelecidas no art. 2º, destacam-se aquelas que tratam da efetivação do direito à educação:

Superação do foco de trabalho nas estereotípias e reações negativas do estudante no contexto escolar, para possibilitar a construção de processos de significação da experiência escolar;

Mediação pedagógica nos processos de aquisição de competências, por meio da antecipação da organização das atividades de recreação, alimentação e outras, inerentes ao cotidiano escolar;

Organização de todas as atividades escolares de forma compartilhada com os demais estudantes, evitando o estabelecimento de rituais inadequados, tais como: horário reduzido, alimentação em horário diferenciado, aula em espaços separados;

Reconhecimento da escola como um espaço de aprendizagem que proporciona a conquista da autonomia e estimula o desenvolvimento das relações sociais e de novas competências, mediante as situações desafiadoras;

Adoção de parâmetros individualizados e flexíveis de avaliação pedagógica, valorizando os pequenos progressos de cada estudante em relação a si mesmo e ao grupo em que está inserido;

Interlocução permanente com a família, favorecendo a compreensão dos avanços e desafios enfrentados no processo de escolarização, bem como dos fatores extraescolares que possam interferir nesse processo;

Intervenção pedagógica para o desenvolvimento das relações sociais e o estímulo à comunicação, oportunizando novas experiências ambientais, sensoriais, cognitivas, afetivas e emocionais;

Identificação das competências de comunicação e linguagem desenvolvidas pelo estudante, vislumbrando estratégias visuais de comunicação, no âmbito da educação escolar, que favoreçam seu uso funcional no cotidiano escolar e demais ambientes sociais;

Interlocução com a área clínica quando o estudante estiver submetido a tratamento terapêutico e se fizer necessária a troca de informações sobre seu desenvolvimento;

Flexibilização mediante as diferenças de desenvolvimento emocional, social e intelectual dos estudantes com transtorno do espectro autista, possibilitando experiências diversificadas no aprendizado e na vivência entre os pares;

Acompanhamento das respostas do estudante frente ao fazer pedagógico da escola, para a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de competências, considerando a multiplicidade de dimensões

que envolvem a alfabetização, a resolução das tarefas e as relações interpessoais ao longo da escolarização;

Aquisição de conhecimentos teóricos metodológicos da área da Tecnologia Assistiva, voltada à Comunicação Alternativa/Aumentativa para estes sujeitos.

Planejamento e organização do atendimento educacional especializado considerando as características individuais de cada estudante que apresenta transtornos do espectro autista, com a elaboração do plano de atendimento objetivando a eliminação de barreiras que dificultam ou impedem a interação social e a comunicação (BRASIL, 2013, s.p).

A implementação da diretriz referente à inserção das pessoas com transtorno do espectro autista no mercado de trabalho remete ao princípio da política de inclusão escolar das pessoas com deficiência, cuja finalidade é assegurar o acesso à educação em todos os níveis, etapas e modalidades, promovendo as condições para sua inserção educacional, profissional e social. É fundamental reconhecer o significado da inclusão para que as pessoas com transtorno do espectro autista tenham assegurado seu direito à participação nos ambientes comuns de aprendizagem, construindo as possibilidades de inserção no mundo do trabalho. Esse princípio é congruente com o teor do art. N° 27 da CDPD (ONU/2006) que preconiza o direito da pessoa com deficiência ao exercício do trabalho de sua livre escolha, no mercado laboral, em ambiente inclusivo e acessível.

Foram relatados, a seguir, os resultados das pesquisas realizadas através de consultas, por meio de informações coletadas, a fim de agregar positivamente as informações.

A presente pesquisa aborda especificamente como a criança autista desenvolve sua linguagem quando entra em contato com a musicalização. Para tanto, é preciso conhecer mais profundamente quais os comportamentos e desenvolvimentos de uma criança autista, a fim de poder fazer inferências de uma possível interação e propiciar um melhor desenvolvimento de sua linguagem.

Além disso, foi necessário abordar de que forma a musicalização poderá favorecer o desenvolvimento da linguagem da criança autista, abordando como a música e a prática pedagógica que faz uso deste recurso, sendo por meio da brincadeira, do lúdico ou os materiais e procedimentos adequados são considerados recursos para favorecer a aprendizagem da criança. Dessa forma, a seguir será realizada uma análise de alguns autores que abordam os assuntos principais desta pesquisa.

A partir destas observações, as discussões que se seguem surgem a partir das diversas áreas do conhecimento e como a EA aparece nestas áreas durante o Ensino Fundamental.

3.1. O aluno autista no ensino regular

Portanto, inclusive, é compreensível que as escolas precisem se adaptar aos alunos, suas necessidades, dificuldades e potencialidades.

Ressalta-se que além das medidas de qualidade no enunciado, a escola precisa realizar mudanças que vão muito além da reforma de suas instalações, da importância e da necessidade de adaptabilidade física/estrutural no ambiente:

E como se faz a inclusão? Primeiro, sem rótulos e, depois, com ações de qualidade. Nós rótulos, encontramos as limitações do aprendente, ou melhor, as nossas limitações. Devemos olhar para ele e transpormos as impressões externas das barreiras do ceticismo. São elas que mais impedem a inclusão do educando em nossos esforços e sonhos (CUNHA, 2009, p. 101).

O autor acredita que se ele não é o promotor de sua aprendizagem, o aluno não está incluído, portanto, é preciso dar autonomia, pois, se não houver, não adianta equipar toda a escola para atender às necessidades dos estudantes. Não é uma nova perspectiva sobre o desempenho docente. Esta operação requer treinamento extenso do professor, mas não há garantia de que tal treinamento irá prepará-lo para todas as

situações, porque é impossível em uma situação humana, mas o treinamento eficaz do professor fornece uma maneira para o professor entender o que ele precisa.

O sistema de ensino também precisa proporcionar aos professores oportunidades de trabalho com base no princípio da autonomia, pois os professores também precisam de autonomia para formular e executar planos de trabalho, e somente quem mantém contato com os alunos pode adaptar suas recomendações de desempenho às suas necessidades.

A esse respeito, Mantoan (2006), discutiu várias questões sobre essa crise de paradigma envolvendo inclusividade, e usou o termo “posto avançado mundial” para se referir àqueles que têm uma visão pioneira das necessidades das reformas educacionais atuais. Descobriu a burocracia e exclusividade da educação formal e faz as seguintes observações:

A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam. A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retraçando (MANTOAN, 2006, p. 14).

Portanto, uma vez que diferenças culturais, sociais, morais e, étnicas, fazem parte da diversidade humana, pode-se inferir que esses paradigmas estão sendo desafiados e o antigo conhecimento da matéria-prima da escola está sendo reinterpretado.

3.2. A criança autista e seu processo educacional

No planejamento de cada processo educacional é preciso levar em consideração as pessoas que serão educadas e, para isso, achamos que é importante uma breve descrição sobre o autismo e algumas características dos pacientes com este

transtorno. O autismo é considerado um transtorno não progressivo. No entanto, devido às variáveis ambientais, maturacionais e do próprio desenvolvimento do indivíduo, é difícil estabelecer um prognóstico preciso.

O aluno autista, mesmo que consiga uma boa evolução do quadro, adquirindo independência e produtividade, carregará por toda vida características mais ou menos marcantes do Transtorno do desenvolvimento (NUNES, 2001). Acreditamos que o processo educativo desempenha um papel imprescindível no processo de aquisição de conhecimento, no comportamento socialmente aceitável, na independência e na preparação para o trabalho entre essas pessoas.

O objetivo da educação especial é reduzir as barreiras que impedem as crianças de receber educação. Os indivíduos realizam atividades adequadas e participam plenamente da sociedade (NIELSEN, 2003).

A educação voltada para a pesquisa mais contemporânea em educação especial, seja do ponto de vista jurídico ou do princípio da educação, é inclusivo. Temos muitas razões para termos essas ideias, afinal a abordagem inclusiva representa a evolução das nossas ideias sobre educação especial.

O método mais comumente utilizado no processo educacional de crianças autistas é Montessoriano, método de Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação (TEACCH) e cursos funcionais. O método de Maria Montessori, fornece suporte educacional para crianças com autismo. Desde 1906, Maria Montessori demonstra a importância da observação e avaliação de uma perspectiva pedagógica personalizada. Para a autora, os educadores têm três tarefas: reconhecer as habilidades da criança, mostrar-lhe algo pelo que ele está interessado, e que pode aprender a imitar e sugerir autonomia, evitando interferir nos movimentos da criança.

Maria Montessori rejeitava a ideia de recompensas e punições, e acreditava que a pessoa autista sentia profundamente o estado da outra pessoa, e poderiam encontrar a si mesmas, através de uma comunicação mesmo inconsciente, o prazer do sucesso, ela percebeu que as crianças precisam de um universo

proporcional ao seu tamanho, como por exemplo, móveis, que deveriam estar relacionados ao seu cotidiano. Acreditava que as crianças com deficiências graves de desenvolvimento também podiam absorver e aprender, desde que fossem fornecidos materiais específicos e avançados.

Os benefícios da educação inclusiva para os autistas não se resumem ao próprio sujeito incluído. Há benefícios para os colegas que apresentam um quadro de normalidade. Atitudes positivas com relação aos alunos com deficiência desenvolvem-se quando são proporcionadas orientação e direção por parte dos adultos em ambientes integrados

3.3. Práticas educativas com uso da música para o aluno autista

Araújo (2015) afirma que, como prática pedagógica, a música pode ser utilizada, formando uma ponte entre professores e alunos. A Educação e o cuidado promovem relações interpessoais, e a música pode ser usada para promover a comunicação entre crianças e educadores, porque sabemos que a música une culturas e gerações, reduz as relações interpessoais e abre uma gama de oportunidades de desenvolvimento cognitivo, além de auxiliar na conquista e melhorar o nível de conhecimento, para que os alunos possam realizar melhor as suas funções motoras e intelectuais, além de interagirem melhor com o meio ambiente.

Atualmente, sabe-se que a reestruturação das unidades de ensino é fundamental, pois o ensino não se realiza sem aprendizagem. Portanto, é necessário ensinar no planejamento de novos projetos pedagógicos, que envolvam todos que compartilham diretamente ou indiretamente da ação educativa, e colocá-los em prática para um propósito claro e explícito, que avalie continuamente os alunos e entenda que esse tipo de aprendizado só pode ser feito se houver uma reconstrução do saber.

Contudo, nas palavras de Araújo (2015), a música é uma linguagem universal, que cronometra o desempenho cultural e artístico de um grupo de pessoas em uma determinada em determinada região ou época vivida. Segundo Araújo (2015), a musicalização ainda é importante pois significa o desenvolvimento do

sentido humano da música, sensibilidade, expressão, ritmo, “ouvidos musicais”, ou seja, inseri-los no ambiente sonoro musical. O processo de musicalização tem o objetivo de tornar as pessoas um ouvinte sensível à música, buscando desenvolver programas de absorção de linguagem musical.

É importante determinar quais contribuições, na perspectiva da criança com Espectro Autista, advêm do ensino da música, tentando entender este processo como um sistema de ensino desenvolvido nas atividades musicais.

Justino (2017, p.44, Jolly; Severino, 2016, p. 22), ainda enfatiza que “são nessas práticas sociais que os indivíduos geram o conhecimento sobre si, do outro, do mundo, e são capazes de dar significado e transformar a realidade em que vivem”. Foi observado que o contato das crianças com a música ajuda a suavizar algumas dificuldades causadas pelo autismo, como relacionamento, fixação e isolamento.

Portanto, quando a música é utilizada como recurso de aprendizagem, é possível que as crianças interajam e se comuniquem, o que promove muito o seu crescimento, bem como seu desenvolvimento escolar. Tendo em vista todas as necessidades especiais já mencionadas, devem ser encontradas formas de ajudar e prevenir a exclusão social.

Por meio da educação musical, têm-se o desenvolvimento integral do ser humano utilizando dos sons, do lúdico, dos instrumentos musicais, desta forma, criando várias possibilidades de aprendizagem, exploração, comunicação, improvisação.

3.4. A música como um recurso para promover interação social de alunos autistas

A musicalidade cria uma ponte de motivação entre professores e alunos. Por intermédio da música é possível manifestar ideias, sentimentos e emoções e assim despertar a criatividade nos indivíduos. Dessa forma é indispensável apresentar aos alunos uma educação musical que os prepare para fazer uso do som para se expressar, comunicar e perceber.

Pereira e Ferreira (2012), corroboram com esse pensamento quando sugerem que a música está ligada à educação infantil por ter a capacidade de propiciar o desenvolvimento social, psíquico e intelectual das crianças.

Assim sendo, a música torna a aprendizagem mais prazerosa com o aumento da sensibilidade, auxiliando a criança a expressar seus sentimentos, ideias e valores e também contribuído para formar suas bases de comunicação. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) manifesta sinais já nos primeiros anos de vida do indivíduo, sendo notado pelo déficit cognitivo e pela capacidade de comunicação e interação restrita.

A música tem uma importante colaboração no ato de memorizar, concentrar e expressar e isso traz à tona sua essencialidade na educação dos autistas, não só no ambiente escolar, como também nas suas atividades extraescolares, fazendo com que o conhecimento seja aprendido com mais facilidade e com que sua autonomia e criatividade seja aflorada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi objetivo deste artigo demonstrar a importância da música para alunos autistas em escolas municipais no ensino fundamental, podemos dizer que esse tema possui relevância para todos envolvidos nesse contexto. Na busca bibliográfica foi possível identificar os benefícios alcançados com a utilização da música para alunos autistas. A socialização é um exemplo, a interação entre os alunos, também se destacou significativamente no decorrer da busca pesquisada. Identificamos que a professora já utilizava a música em determinados pontos específicos na aula, e identificamos que o aluno pesquisado se sentia bastante à vontade com tal metodologia. Conforme apresentado nos resultados, podemos dizer que a música, quando utilizada como ferramenta de ensino e aprendizagem, contribui significativamente com o desenvolvimento social dos autistas. Nosso produto final vem para mostrar que não é necessário experimentos mirabolantes e sim o simples que funciona, por meio de uma bandinha montada com alunos e instrumentos da própria escola.

Após pesquisas, leituras e observação foi possível compreender que a música é uma importante ferramenta a ser utilizada em sala de aula com alunos autistas, podendo colaborar significativamente com o desenvolvimento do aluno. Para Gattino (2012), as pessoas com autismo em sua maioria dependendo do grau do autismo, possuem uma boa capacidade de tendem a contar com uma alta capacidade para percepção de melodias, além de que, em função do contato com a música, conseguem relacionar emoções e sentimentos. Acredita-se que a leitura deste artigo por profissionais da educação contribuirá para uma nova visão, que a música quando utilizada de forma correta traz benefícios, proporcionando um bem estar auxiliando em tratamentos e convívio entre as pessoas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, K. K. S. A contribuição da música para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2015.
- GATTINO, G. Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com transtornos do espectro autista: Porto Alegre, RS, 2012.
- JUSTINO, J. A. P. Educação Musical Humanizadora: Uma experiência com crianças no campo da educação não formal. São Carlos-SP, 2017.
- MANTOAN, M. T. E. Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha. Porto Alegre / RS, 2006.
- MOREIRA, H; CALEFFE, L. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro, 2006.
- NUNES SOBRINHO, F. de P. e NAUJORKS, M.I (org) Pesquisa em Educação Especial. Bauru, 2001.

PEREIRA, E. A.; FERREIRA, V. R. A influência da música na Educação Infantil. Goiás, 2012.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre, 2003.

VYGOTSKY, A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 2003.